



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 4, v. 1 | nov 2015.-abr. 2016  
p. 107-119.

# Expressividades e resistências: o corpo em decreto de morte na performance dízimo

Makcion Müller Rodrigues Leite<sup>1</sup>

**RESUMO:** A performance é uma linguagem artística que possibilita a construção e o câmbio dos elementos construtivos do imaginário e do real, por meio da utilização do corpo, como instrumento de expressão e resistência. O artigo elucidando sobre a performance dízimo, que performatiza o assassinato do corpo trans, discutindo sobre o transfeminicídio, tratado aqui, como um problema social de caráter de urgência. A performance explora a construção de um espaço, que por meio do corpo do performer, é vivenciado um assassinato, elucidando sobre os altos índices de homicídios de travesti e transexuais em nosso país. O ator constrói um questionamento por meio da arte, que busca em sua suma, a afetação do espectador, para dar visibilidade ao homicídio de milhares de vidas que são ceifadas por não reconhecimento da diversidade e das novas produções de gênero. Por fim, o artigo dialoga sobre a construção estabelecida pelo performer e descreve sobre o processo performático do corpo em cena.

**PALAVRAS-CHAVES:** Performance; Corpo em cena; Transfeminicídio; Expressão corporal; Resistência.

**Abstract:** The performance is an artistic language that allows the construction and exchange of the constructive elements of the imaginary and the real, by using the body as the instrument and expression of resistance. The article sheds light on the performance "Dízimo", which performatizes the murder of the trans body, discussing the 'transfeminicídio', treated here as a social problem in urgent character. The performance explores the construction of a space, that through the performer's body, a murder is experienced, elucidating on the high rates of transvestite and transgender murders in Brazil. The actor builds a question through art, which seeks in his short, the allocation of the viewer, to give visibility to the murder of thousands of lives that are snuffed out by non-recognition of diversity and new genre productions. Finally, the paper discusses about the construction set by the performer and describes about the performatory process of the body on stage.

**Keywords:** Performance; Body on stage; Transfeminicídio; Body expression; Resistance.

**Resumén:** La performance es un lenguaje de la arte que permite la construcción y el intercambio de los elementos constructivos de lo imaginario y lo real, utilizando el cuerpo como el instrumento y la expresión de la resistencia. El artículo arroja luz sobre performance 'Dízimo', que performatiza el asesinato del cuerpo trans, discutiendo el 'transfeminicídio', tratado aquí como un problema social de carácter urgente. El rendimiento explora la construcción de un espacio que, a través del cuerpo del actor, un asesinato es experimentado, la aclaración de las altas tasas de travestis y transexuales asesinatos en Brasil. El actor construye una pregunta a través del arte, que busca en su corta, la asignación del espectador, para dar visibilidad a la muerte de miles de vidas que se apagó por el no reconocimiento de la diversidad y las nuevas producciones del género. Por último, el artículo discute acerca de la construcción establecida por el artista y describe en el proceso performativo del cuerpo en la escena.

**Palabras clave:** Performance; Cuerpo em el escenario; Transfeminicídio; El lenguaje corporal; Resistencia.

<sup>1</sup> Graduando do curso de Psicologia, pela Universidade Potiguar/UnP. Militante/ativista LGBT, saúde pública/SUS e reforma psiquiátrica, atualmente preside o Coletivo TRANSitar, é ator, pesquisador sobre o corpo trans dentro das perspectiva dos estudos Queer. E-mail: maxleite15@hotmail.com

Recebido em 16/10/15  
Aceito em 13/12/15

## 1. Introdução

A vida que clama por sofrimento  
O chão em poça de sangue ecoa o grito  
O pranto do sofrimento do oprimido  
A dor que rompe o peito e despe a alma  
Gemido de fome rasgando a carne  
Coração partido na partida amada  
A morte se apresenta como reflexo  
Batidas descompassadas  
A fuga do mundo externo em dor  
O exílio da prisão exilada  
O negro da alma que explode  
Frio deserto do peito assassinado  
Castigo que destrói a face  
Chão despedaçado, corroído pelo fim  
Gotas de amor perdidas  
No desencontro, a fuga de si  
Entre os soluços do pranto  
No encontro achado do perdido  
Na solidão  
No canto exilado do sofrido  
Do grito da dor do oprimido  
É o fim da vida, da dor  
O canto da partida, amor  
Os olhos se fecham para nada olhar  
A vida acabou, um instante a esperar

\_\_ Max Müller: *Releitura da dor*

As lutas de resistência veem sendo despotencializadas, silenciadas e ignoradas, mas continuam sendo criadas e inventadas, e resistem teimosamente aos extermínios e exclusões, pelxs



que sofrem as injustiças sociais. “Vida incessantemente não para de brotar, de explodir. Vida que ameaça a muitos, daí as constantes e tenazes tentativas de discipliná-las, dominá-la, enquadrá-la e exterminá-la, se necessário for”, afirma Coimbra (2001).

Aos que constroem corpo/gênero para além das normas estabelecidas por esse binarismo capital, se destina a perseguição por ordem de morte, por se tornarem um questionamento radical a produção do masculino e feminino. Bento (2006), afirma que a sociedade reserva os piores lugares para os transgressores de gênero, e que não mede as ferramentas utilizadas para torturar este corpo, limitando o que pode ser compreendido por normal.

As linguagens performativas são adequadas e podem ser utilizadas de uma forma mais próxima às construções de gênero e corpo, devendo ser entendido o termo construção em sua forma de execução, algo que está em processo constante de mudança, que é alterável, não se restringindo a normas, fixo. A performatividade do corpo é proposta por Butler (2002, p. 18), como algo a ser compreendido, e diz, “não como um ato singular e deliberado, senão antes como a prática reiterativa e referencial mediante a qual o discurso produz os efeitos que nomeia”.

Entender a construção do corpo dentro dos padrões sociais como principal insumo do capital, a mão-de-obra, sufoca a construção do Corpo Trans<sup>2</sup>, que massivamente perturba uma ordem pré-estabelecida de funcionamento tratado como ordem natural. As possibilidades de negar a performance deste corpo são esquecidas, pois não existe um caminho de normatividade, ele torna-se um questionamento radical, que saem pelas ruas e trafegam entres olhares, que não escondem o temor de sua existência.

A patologização das identidades trans é somada ao preconceito e espírito de negação da diversidade sexual e de gênero existentes, compartilhados entre os mais diversos segmentos e grupos sociais, que constituem uma sociedade calcada de elementos morais contraditórios. As pessoas trans ocupam o lugar de apêndice, subalterno, destasnados a vivenciarem o que se é compreendido por margem social.

O artigo trará sobre a construção da performance artística Dízimo, construída e performatizada, por mim, Max Müller, autor do artigo, que por meio do corpo como instrumento de resistência, explora cenicamente o espaço que são ocupados pelas identidades trans, alertando para o

---

<sup>2</sup> Utilizo a referência de Corpo Trans, querendo citar sobre as forma de devir subjetividade por meio da Transexualidade e Travestilidade. Formas que identifico de produzir corpo performativo.



“enjaulamento” deste corpo e aos altos índices de homicídios. Travestis e transexuais são dizimadas diariamente, assassinadas à conta gostas; não o suficiente de uma morte social que já se é decretada quando se perde o direito de sair à rua sem temer as múltiplas formas de punição e rejeição.

A performance explora e materializa por meio do corpo em cena as forma de resistência, para superar e solucionar, o que Bento, (2015), chama de Transfeminicídio, que se configura como os altos índices de homicídios das pessoas trans, reforçando que o motivo principal para tantas mortes, em sua grande maioria violentas e desumanas, provém do gênero. Dízimo torna sufocante a existência de todas as celas e grades que impõem uma ditadura heteronormativa, tomando o corpo como gatilho para experimento por parte do público, a dor do aprisionamento e do decreto de morte, por julgo de estranho, abjeto, aberração.

Dízimo trata sobre a instabilidade das condições de vida que são subsidiadas às identidades trans, do alto preço que se paga por deterem, o que Butler, (2002), define como performatividade divina, que são os sujeitos que subvertem as regras, que criam linguagens próprias para seus corpos, que lidam com suas vontades e desejos soberanos para serem construtores de si próprios; desconstruídos normas e padrões.

## 2. Corpo em cena: representação de morte e exclusão

O corpo produzido pela cena propõe as inconformidades estéticas, que são profanadas como abjeção à produção que se é inteirada no processo de normatização. Dízimo é um ato performático que traz cenas cotidianas de vidas reais, ceifadas por força bruta, por uma dita norma que reitera a não liberdade do que Butler, (2002), trata como identidades flutuantes.

A construção explora sobre um olhar sensível que extrapõe uma realidade marcada por muita dor e sangue. Tratasse de uma guerra que está promulgada as construções do feminismo, em corpos que nascem com pênis, que segundo Bento, (2015, p. 31), essa guerra nada mais é que uma política que está sendo disseminada para eliminação da população trans, “motivada pela negação da humanidade. Qual quantidade de mortes é suficiente para chegar a essa conclusão?”.

Dízimo é apenas um ensaio, por meio da construção performática teatral, para se entender de uma realidade que está para além dos muros e limites conceituais de padrões de vida. A performance questiona sobre a realidade fria e assassina que dizima muitas travestis e transexuais,



questionando também sobre o descaso que existe em não só investigar, se fazer justiça, mas para se tratar o Transfeminicídio como um problema de caráter e urgência social.

De acordo com Bento, (2015), os dados da ONG internacional Transgender Europe, afirmam que o Brasil é o país que mais tem assassinado travestis e transexuais. Ainda de acordo com a autora, por meio de um levantamento de dados de mortes, os números comprovam sobre o real extermínio das identidades trans, de janeiro de 2008 a abril de 2013, foram registradas 486 mortes.

O levantamento do número de homicídios do ano de 2014 no Brasil revelou que é crescente a violência e a vulnerabilidade de travestis e transexuais, que para o contingente populacional é o maior número de assassinatos, entre LGBT. De acordo com um estudo feito pelo Grupo Gay da Bahia (GGB), ocorreram 326 homicídios, onde 134 foram de pessoas trans.

Os assassinos parecem seguir uma linha de pensamento sobre a forma como ceifar a vida dessa população, as mortes ocorrem por armas de fogo, armas brancas, qualquer objeto que possa retirar a vida, entre elas facas, pedras, e por atropelamento, em sua grande maioria. Para Bento, (2015), o assassinato é motivado pelo inconformismo da produção do gênero, pois as afetações e relações sexuais ocorrem na alcova, longe dos espaços que possam ser visibilizados.

As mortes demonstram a violência que existem para com as identidades trans que acontecem sempre de forma brutal, desumana, feroz. Um tiro nunca é o suficiente, são sempre muitos tiros, várias facadas, milhares de pancadas com paus e pedras, e não somente um atropelamento certo e mortal, para que se tenha a certeza da não possibilidade de vida, para se afirmar o lugar e o espaço que não deveria existir e ser ocupado pelas novas produções de gênero, colocando em xeque o masculino e feminino.

Os dados apresentados são de possíveis contabilizações, lembrando que não são dados descritos por instituições governamentais, é o trabalho de ONGS, que realizam uma atividade de detetive, para levantar o número mais exato possível. Muitos homicídios não são registrados, as famílias não buscam registrar a queixa, raramente abrem investigações, e quando o assassinato acontece com pessoas que não tem ligação com a família, são sepultadas como indigentes, sem uma identidade, excluída de sua condição de gênero, exposta ao escárnio da intitulação de mais “um” traveco morto ou um homossexual que se vestia como mulher.



Os assassinatos de travestis e transexuais são sempre noticiados nos programas policiais, que mesmo depois de mortas, são desrespeitadas, tendo sua condição de gênero violada, enlaçando o homicídio à prostituição e ao tráfico de drogas. Bento, (2015, p. 33), diz que “A pessoa assassinada retorna ao gênero imposto, reiterando assim, o poder do gênero enquanto lei que organiza e distribui os corpos (vivos ou mortos) nas estruturas sociais”.

Os crimes são sempre passíveis a investigação ou processos criminais, tratando-se de uma impunidade, tornando a vida dessas pessoas apenas a preço de morte, por se produzirem fluídas, eternas viajantes, que rompem as barreiras postas, segredadas, que subvertem uma lógica produtora de gênero.

Louro, (2004, p. 309), discorre sobre as identidades trans, como pessoas viajantes pós-modernas, que são “aqueles/as que recusam a fixidez das limitações das fronteiras e assumem a posição entre identidades, administrando e extraindo prazer mais do processo de viajar que propriamente da chegada a determinado lugar”. E Bento, (2015, p. 33), reitera afirmando que “a violência contra as pessoas trans é motivada pelo desejo do restabelecimento das normas de gênero”.

Os homicídios acontecem em lugares públicos, sempre nas ruas, em becos, esquinas e calçadas, quando os mistérios da noite trafegam por entre os meios utilizados para subterfugio da produção capital para manutenção de suas vidas. A rua se apresenta como o espaço de luta e resistência para muitas travestis e transexuais que vivenciam o sofrimento ético-político como descreveu Sawaia (2002), mediado pela dor das injustiças sociais, submetidas à fome e a opressão. Para Guerra, et al., (citado por PAGOT, 2001, p. 187) “a rua é feminina porque recebe e é a mãe dos órfãos, cria meninos rejeitados, ou a qualquer um; e o pai deve ser a sociedade organizada que não os reconhece e os abandona”.

De acordo com a Articulação Nacional dos Transgêneros (ANTRA), os altos índices de assassinatos das pessoas trans, e a não garantia de direitos básicos, que são legitimados por nossa carta constituinte, como moradia, acessos aos serviços de saúde e direitos trabalhistas, confluem para o processo de exclusão. Em decorrência deste histórico, ainda de acordo com o grupo, cerca de 90% de transexuais e travestis trabalham na prostituição, pela falta de escolhas e oportunidades, as obrigando trafegarem pelas noites em busca de sobrevivência.

A rua também se constitui como um espaço de sociabilidade; é por meio das trocas e compartilhamentos, que muitas aprendem a resistir diariamente aos desdobramentos, sejam eles a





luz do sol ou sobre o brilho da lua, quando trafegam silenciosas por entre as esquinas e calçadas. No transitar elas aprendem e se tornam travestis e transexuais, constroem laços sociais, compartilham experiências e subvertem o estar na rua, Pelúcio, (2009, p. 24), afirma que: “é pela força da exclusão que elas têm se constituído”.

Os corpos assassinados promovem um diálogo da vulnerabilidade social e da não garantia de direitos básicos a vida que acompanham as pessoas trans, e Dízimo, por meio dessa realidade descrita, constrói um espaço de resistência, que por meio da dor, subscreve um conjunto de expressões corporais, para que o corpo trans em viagem possa ocupar, afetando o outro, por um processo de habitação real/imaginária.

Dízimo soma-se a uma longa e árdua luta por um movimento que vem dando cara a tapas e filhas a morte, por se produzirem dentro deste seio binário capitalista, de lei a morte o abjeto. Necessitamos potencializar as capacidades do indivíduo, permeando um autoconhecimento para lutar contra o regime, subverter as práticas.

Se faz necessário educar por meio da diferença, no comprometimento da formação e identificação das novas configurações de sujeito e gênero. Não podemos silenciar o não silenciável, e nos transformar em novos afirmadores de uma sociedade opressora, tirana, que se utiliza dos métodos e técnicas inenarráveis para extermínio da vida, daqueles que se transformam em percalços, para execução dos métodos e práticas de poder.

### 3. O corpo performático e as descrições cênicas de expressão e resistência

Narrar às expressões de sofrimento e dor no homicídio do corpo trans é uma experiência dolorosa, que expõem sobre as sensações afagadas da morte no corpo, envolto num banho de sangue de resistência. A performance é uma derivação das práticas teatrais, que se apresenta através de diversas formas, linguagens e métodos que se transportam para o ator, por meio das possibilidades de criação e utilização do corpo.

A performance se entrelaça nas sequências cênicas que se configuram na criação de um espaço que transcende o real, no imaginário permeado pelo corpo, voz, movimentos e os duetos, como afirma Féral (citado por SANTOS, 2010, p. 09). Essa teatralidade trazida pela cena direciona a produção de sentido, ligados a representação, envolvendo o público, que para Santos, (2010, p. 10), “convida o espectador a deter-se diante de seus aspectos sensíveis, observando-a e experimentando-a



enquanto realidade”. O ator em cena aborda também a ordem do corporal, do perceptivo, gestual, mental, que se operam como ferramentas capazes de criar e solucionar situações.

A representação do assassinato é construída por meio do corpo, dando vida as milhares de pessoas trans mortas, desabitando a sua forma material, renascendo pelo imaginário. O corpo é posto em ação, para provocar a afetação da plateia, harmoniosa ou não.

Para performatização de díizimo, os exercícios desenvolvidos partem de uma lógica de criação de cenas reais, que segundo, Santos, (2010, p. 12), o corpo trazido pela prática performativa “se caracteriza como ser vivo, atuante e real”. A cena construída permeia também a existência de uma cela, que afeta a quem se permitir vivência o processo de morte, sentido as agonias, aflições e tormentos.

A performance acontece em um espaço aberto, que possibilita o contato com as nuances da liberdade que é proposta pela rua. Sobre o chão uma cadeira vazia, representando um centro, um ponto, a ser desenvolvido para que a cena se construa. Num espaço inferior uma espécie de recipiente, algo que possa conter um líquido vermelho, representativo do sangue que se é derramado. A cênica também é composta por uma faca, de brilhante e suave lamina, que espelha o desejo do corte. No canto direito, um saco plástico, seguido no lado oposto por um pano.

Os objetos postos em formato de cruz atraem olhares curiosos para se definir o que acontecerá naquele espaço, marcado por uma fina sintonia de perigo. O performer entra em cena, vestido de forma ousada e marcante, cabelo volumoso e longo, barba feita, maquiagem de cor negra esfumada, sobrancelhas bem pinçadas, cílios alongados, boca em tom vermelho quente, sob o pescoço um colar de correntes pratas, peito nu, em contraste de uma meia-calça preta vasada, que possibilita a vista da não existência de uma genitália, substituída por um papel em branco, erguido em um sapato preto de salto alto. Assim, percebemos o ator que está em traje de um corpo produzido para além do masculino e feminino.

O corpo nesse momento se dirige ao centro, em torno da cadeira, faz movimentos circulares, movimentos de exibição, ressaltando sobre o seu poder de desejo e sexual. Agora parece estar acenando, à espera de alguém, de uma fala, de uma pergunta. Continua a fazer movimentos que demonstram sensualidade, toca-se, concerta o batom que se desordena no canto esquerdo da boca. O corpo parece cansado, com frio, faz frio, e para além do reflexo consegue ver um movimento, passos, círculos, velocidade.





Senta-se, sua respiração fica ofegante, algo no olhar reluz, um misto de desejos incertos, de gosto, de sensações, a respiração continua ofegante, parte de seu corpo está aprisionado, o corpo sente-se aprisionado. Na medida em que cruza as pernas, leva a sua mão até a possível representação de genitália, e toca-se, parece retirar algo, sim, retira um pedaço de papel, aberto suavemente, confessando sobre suas quatro dobras, enquanto a plateia foca os olhares na aparição de um pênis.

Sem grandes esforços a voz começa a se intonar sobre os ouvidos curiosos, e são ditas palavras, intercaladas aos sentimentos de medo, de raiva, de fúria, palavras que descrevem sofrimento, grito, dor, pranto, gemido, fome, morte, fuga, alma, prisão, castigo, vida, reflexo, sangue, solidão, perda, olhos, espera. São palavras fortes, amargas, quebrando a parede que separava o corpo e o público.

As palavras são acompanhadas de movimentos dos braços, das pernas, que se cruzam, que se batem, que impunham velocidade, movimentos circulares com a cabeça, mãos que afagam o rosto. O corpo é visto sem uma definição de homem e mulher, é identificado como uma produção, algo para além do normal, do conceitual, é algo flutuante, performativo, fluído, viajante. As frases se juntam e dá vida a um poema, *Releitura da dor*, provocando a criação e experimentação de imagens e sentimentos.

O corpo parece trafegar intensamente de um lado para o outro, a respiração fica cada vez mais ofegante, um sombra que cruza os reflexos das luzes, denuncia que algo ou alguém está se aproximando. O performer movimenta agora suas pernas por entre os planos, apoia suas mãos sobre suas nádegas, e faz movimentos para excitação de sua bunda. O público lança olhares apreensivos, denunciando a relação de norma e estranheza que tem o cu, e o previsto acontece, põe os dedos sobre o cu, e retira um papel em formato de cone, os olhares nesse momento não são tão afetivos.

E mais uma vez começa a pronunciar novas palavras: corpo, produto, norma, corpo, órgãos, produção, abjeto, inato, capital, corpo, desejo. As palavras mais uma vez se misturam, e dão vida a outro poema, que é sentido por receptividades ofegantes, enquanto o corpo caminha desta vez em círculos, em volta da cadeira.

Corpo que não é meu

Corpo ilegítimo de mim mesmo

Não produto do corpo normal

Corpo transgressor meu



Dor do corpo não eu  
Mas eu corpo produtor Com órgãos ou sem  
Corpo produzindo pelo meu eu  
Eu abjeto de um corpo social  
Corpo moldado pelo inato meu  
Ser corpo não capital  
Nunca copia sempre corpo meu  
Corpo sem órgãos  
Desejo em corpo tão eu  
Eu produto do meu corpo  
Singular corpo meu

\_\_\_ Max Müller: *Corpo eu*

Nesse momento o performer começa a dar passos mais longos, passa a mão sobre os cabelos, cada passo mais rápido. Agora pega o seu pênis, ao mesmo tempo em que passa os dedos no seu cu, o espaço é preenchido por dúvidas, de que forma definir aquele corpo, se é um homem, uma mulher, uma travesti, uma transexual, um monstro, um bicho, uma coisa estranha ou apenas um corpo. Sobre esse não reconhecimento Miskolci, (2012, p.24), aponta “esse termo, abjeção se refere ao espaço a que a coletividade costuma relegar aqueles e aquelas que consideram uma ameaça ao seu bom funcionamento, à ordem social e política”.

O corpo em cena representa o não reconhecimento das novas produções de gênero, das identidades trans, que trafegam de forma livre e fluída no sistema normativo e binário de homem e mulher, e por comprometem a norma são caçadas e assassinadas. Riscado, (2014, p. 03), descreve que as novas identidades “apesar de se desviar dos ‘gênero inteligíveis’, do masculino e do feminino (...) o sujeito abjeto não escapa de ser enquadrado pelo dominante em uma outra cela específica: a categoria de monstro”.

A espera, por fim parece acabar, a sombra se materializa, inicia-se um diálogo, a imaginação da plateia flui, a pessoa é vista das múltiplas formas, quem poderá ser? Os movimentos denunciam, parece que o corpo apalpa um órgão genital de um outro corpo, a respiração controla-se.



Uma cena de violência começa a ser construída, a outra pessoa começa a agredir o corpo, são muitos puxões de cabelo, são muitos murros e chutes, agora é arrastado por todos os lados, os puxões ficam cada vez mais intensos. O público nesse momento já faz parte da cena, os olhares fixos, os comentários, algumas pessoas parecem esticar os braços, movimentam, mudam de lugar, parecem querer ajudar de alguma forma, estão inconformados por nada fazerem, e quando querem tomar uma atitude, já se percebe que não é possível, não conseguem ver a outra pessoa que está sobre a conduta de agressor, o corpo está só.

A agressão fica cada vez mais feroz, o corpo corre, parece ser sobre uma rua deserta e escura, agora tentar pedir ajudar, sem parar de correr, com os olhos aflitos a procura de alguém, de um socorro, mas como assim? O espaço está repleto de pessoas, mas que não conseguem ajudar, libertá-lo de tamanha dor e sofrimento. O agressor consegue alcançar o corpo, ele dar um chute certo que o derruba, e no chão, são destilados outros murros e pontapés.

O corpo tenta levantar e correr, o público está com olhos atentos, bocas paralisadas, dedos cruzados, cabeças balançam nervosas. O sapato caiu, uma pedra o faz cair, a tensão aumenta, está sobre a mira da faca empunhada pingando sedento ódio, é deferida a primeira cutilada, gritos, muitos gritos de dor, mas as pessoas que assistem a cena, não conseguem ouvir, os gritos são abafados, inexistentes e a rua permanece vazia.

O agressor empunha em sua outra mão um saco plástico, e as pessoas se perguntam o que acontecerá naquele momento. Ele começa a matar o corpo por sufocamento, que se debate no chão, os gritos abafados entonam o sofrimento que está sendo compartilhado. Nessa altura algumas pessoas se retiram da cena, fogem, outras choram, se afetam, sentem. Mais uma vez, o corpo está sendo asfixiado, sentindo a luta pela respiração. Corre mais uma vez, sangrando, com muita dor, da cutilada de faca que sofreu um pouco acima do estômago.

Caiu mais uma vez, o agressor acompanha o corpo, e começa a deferir muitas cutiladas, e não poupa nenhuma região do corpo, demonstrando sua raiva pela existência daquele ser abjeto. A cena demonstra sobre o não reconhecimento das diversidades, da não tolerância e convívio pelos que se produzem para além das normas, Riscado, (2014, p. 03), afirma que “por conta desse processo de desidentificação, esses sujeitos são desumanizados pelo dominante, relegados da sociedade e enclausurados no gueto do horror”.



O corpo já quase morto, e ainda não o suficiente, o agressor não se sentir contente apenas em matar, descontrói o gênero do ser bizarro, que ceifa a vida, corta o seu cabelo, enquanto isso, as pessoas já se debatem em sentimentos. O calor e o odor do sangue derramando trafegam entre as narinas que sepultam o ar de forma apressada. O corpo fica sobre nudez, expostas aos olhares estranhos por ver um ser ainda não definido, embaralhado entre feminino e masculino.

A força ainda existe, os pedidos de socorro trafegam de forma lenta, e é chegada a hora do momento final, a luz no final da rua já é fraca, a respiração é cansada, e o agressor dispara seis ferozes e cruéis tiros contra o corpo, a dor é sentida pelo público, o corpo em nudez sangra, e ralenta seus últimos suspiros, cai sem vida. Algumas pessoas fazem falas de culpas, esfregam as mãos nos olhos, para enxugar as lágrimas que caem, outrxs silenciam.

O corpo está ali, sem vida, estendido sobre um chão nu, ensanguentando. As pessoas aplaudem de pé, ovacionam, e o corpo continua exposto, sem vida. Alguém sussurra, acreditando ter que cobrir o corpo, com o pano que está em uma das extremidades da cena. Por fim, o vento percorre os dedos que estendem um véu, cobrindo mais um corpo trans, brutalmente assassinado, motivado pelo ódio e em ordem do restabelecimento das normas de gênero, na produção imaginária da arte.

A performance dízimo transforma o corpo do performer em espaço de resistência, construída por meio das expressões que são afetações de uma realidade que acontece nas entrelinhas de uma sociedade que encarcera e mata. O público experimenta algo que deve estar para além dos seus produtos cotidianos, constroem pelo espaço criado, um experimento de uma cena real que acontece todos os dias por algum lugar, que naquele determinado momento, ocupou os seus sentidos e sensações.

O corpo, mesmo que pela proposição das violentas formas que se assassinam as identidades trans, torna político o ato de resistir, e de dizer que essa cena, existe, é algo real, e que dizima vidas, por produzirem-se fora dos padrões da normatividade, demonstrando assim, que os corpos subversivos existem, mas que o sistema o delibera por decreto de morte, a favor da manutenção das ordens e “paz” social, pautando no não reconhecimento da diversidade. O corpo trazido pelo performer propõe sobre um conhecimento que se é necessário reconhecer, apontado por Fabião, (2009, p.07), “o tipo de conhecimento de que precisamos no presente momento se faz nos corpos, com corpos, com criação de corpos”.



A materialidade da performance se direciona para o enfrentamento do Transfeminicídio, que deve ser encarado como um problema social, por reconhecimento de direitos das novas produções de corpo e gênero.

#### 4. Considerações finais

A arte é o caminho encontrado para (re)territorializar a resistência das lutas, por espaços de reconhecimento dos novos modos de pensar, de produzir subjetividade, de devir corpo, é o caminho certo que trafega entre o real e o imaginário, que explora, desconstrói, politiza, subverte o fluxo contínuo do que não está acabado, direcionando para a tarefa de (re)criar.

O corpo é a ferramenta de resistência do performer, que denuncia uma realidade de dor e sangue, que trafega silenciosamente, abafando gritos, matando a preço de nada, sobre ordem um poder capital, que não respeita a diversidade do devir corpo. Dízimo foi materializado por meio da arte performática para denunciar o Transfeminicídio, a guerra que foi proclamada às identidades trans, assassinadas friamente por entre as ruas, enquanto repousa a hipocrisia sobre os nossos olhos.

Dízimo materializa-se na expressão do corpo o sofrimento social vivenciado pela negação e exclusão de direitos a esta parcela da população, somado ao estigma de assumir as suas identidades abjetas, negligenciadas pelas políticas públicas, marcadas pela exclusão e violência, culminada no decreto de morte, como forma de silenciar o não silenciável. Quantas vidas a mais serão necessárias para entendermos que estamos assassinando pessoas, seres humanos, que estamos dizimando a nossa própria espécie, espalhando e semeando o ódio, por consequência de um prisma instável de gênero, sem coerência, sem consistência.

---

#### Referências

BENTO, Berenice. *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BENTO, Berenice; PELUCIO, Larissa. *Vivências trans: desafios, dissidências e conformações: apresentação*. Revista Estudos Feministas, online, v. 20, n. 02, p.485-488. 2012.

BENTO, Berenice. *O que é transexualidade*. São Paulo: Brasiliense, 2008.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, Judith. *Cuerpos que importan: sobre los límites materiales y discursivos del "sexo"*. Buenos Aires: Paidós. 2002.



- COIMBRA, Cecília. *Apesar do fascismo social ainda as utopias em marcha*.
- ESCOREL, S. *Vidas ao léu: trajetórias de exclusão social*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1999.
- FABIÃO, Eleonora. *Performance e teatro: poéticas e políticas da cena contemporânea*. In: Revista Sala Preta #8. São Paulo: Revista do PPG em Artes Cênicas - ECA - USP, 2009.
- LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- MISKOLCI, Richard. *Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças*. Belo Horizonte: Autêntica Editora/Ufop, 2012.
- PAGOT, Angela Maria. *O louco, a rua, a comunidade, as relações da cidade com a loucura em situação de rua*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2012.
- PELÚCIO, L. *Abjeção e desejo: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de aids*. São Paulo: Annablume – Fapesp, 2009.
- RISCADO, Caio. *Monstruosidade e resistência na performance de Ricardo Marinelli*. Performatus, São Paulo, v. 2, n.12, p.1-9, out. 2012.
- SANTOS, Aura Cunha. *O ator em cena contemporânea: corpo, imagem e ação*. 2010. Dissertação (Mestrado em Artes) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.
- SAWAIA, Bader (org.). *As artimanhas da exclusão: Análise psicossocial e ética da desigualdade social*. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

#### Fontes de notícias

- BENTO, Berenice. *Verônica Bolina e o transfeminicídio no Brasil*. [Editorial]. CULT, n.202, p.30-33, jun., 2015.
- COUTINHO, Genilson. Dois Terços/Online, 12 jan. 2015. *GGB registra 326 assassinatos de gays em 2014*. Disponível em: < <http://www.doistercos.com.br/ggb-registra-326-assassinatos-de-gays-em-2014/>>. Acesso em: 15 out. 2015.
- LAPA, Nádia. Carta Capital/Online, 31 out. 2013. *O preconceito contra transexuais no mercado de trabalho*. Disponível em: < <http://www.cartacapital.com.br/blogs/feminismo-pra-que/o-preconceito-contra-transexuais-no-mercado-de-trabalho-2970.html>>. Acesso em: 15 out. 2015.

